
Questionário e Entrevista na Pesquisa Qualitativa

elaboração, aplicação e análise de
conteúdo

Ana Cláudia Bortolozzi



MANUAL
DIDÁTICO

2020

Ana Cláudia Bortolozzi

Questionário e entrevista na
pesquisa qualitativa

Elaboração, aplicação e análise
de conteúdo

Manual Didático

Copyright © Ana Cláudia Bortolozzi

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Ana Cláudia Bortolozzi

Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo – Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 52p.

ISBN: 978-65-86101-06-5 [Impresso]
978-65-86101-19-5 [Digital]

1. Metodologia científica. 2. Entrevista. 3. Questionário. 4. Pesquisa. I. Título.

CDD –501-8

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil)



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

Apresentação

Depois de anos ministrando disciplinas sobre metodologia na Pós-Graduação na área da Psicologia (PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, UNESP, *campus* de Bauru) e na área da Educação (PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR, UNESP, *campus* de Araraquara), fui reunindo conhecimentos teóricos e experiências didáticas que culminaram neste material que organizei na forma de Manual.

Evidentemente que há muitas outras questões a serem aprofundadas, cujas leituras indicadas ao final deste material, recomendo que sejam feitas para aprofundamento. Entretanto, a ideia neste momento é facilitar o leitor com apontamentos e lembretes sobre tópicos fundamentais na elaboração, aplicação e análise que não devem ser esquecidos quando se trata de usar os questionários e as entrevistas em pesquisas. Esses instrumentos de coleta, tão utilizados em pesquisas qualitativas, acabaram por ser banalizados e descuidados, e muitas vezes, invalidam uma pesquisa por terem erros, equívocos e vieses do pesquisador.

Este Manual está dividido em sete partes, apresentando as temáticas: (1) Fazer Ciência; (2) Tipos de Pesquisa; (3) Do tema ao método científico; (4) Planejando o Método e a escolha dos instrumentos; (5) Questionários e Entrevistas: elaboração e aplicação; (6) Erros, equívocos e cuidados éticos; (7) Análise de Conteúdo temático. Aproveito para agradecer o Prof.º Dr. Sadao Omote, que marcou a minha formação na pós-graduação, por me ensinar sobre método em pesquisa. Também agradeço à Leilane S. de Carvalho (Leila), pela leitura atenta, correções e organização deste Manual.

Boa leitura!

Ana Cláudia (Cau)

1

Fazer ciência

Todas as pessoas são curiosas e a busca pelo conhecimento acompanha a vida humana. Queremos conhecer e entender os comportamentos das pessoas e os vários fenômenos da natureza e da sociedade.

Vários discursos explicam os fenômenos e representam certo tipo de “conhecimento”: o popular, o filosófico, o teológico e também o científico.

As pessoas podem explicar os comportamentos, a partir de crenças, da fé, de princípios, da mitologia, da arte, da poesia, etc. São explicações que fazem sentido para algumas pessoas, em alguns contextos. Entretanto, para chegarmos em alguma explicação da realidade que independa da vontade pessoal, que se baseie em sistemas organizados racionais que visem a elaboração de leis mais gerais para explicar certos fenômenos, é que nos pautamos no conhecimento científico.

O discurso científico é, então, aquele que demonstra um conhecimento sistemático dos fenômenos, da natureza e das leis que o regem, obtido pela investigação, raciocínio e experimentação.

Fazer Ciência é o acúmulo das experiências na busca do conhecimento de diferentes fenômenos ao longo da história, que é realizado por pesquisadores em diferentes processos e áreas. Uma característica importante que difere o conhecimento científicos dos demais é a **verificabilidade** (GIL, 2019). Para a verificação empírica prevê-se:

- ✓ Experiência observável e mensurável;
- ✓ Mensuração adequada com pertinência dos instrumentos utilizados;
- ✓ Replicabilidade.

E, para garantir esse processo na pesquisa, há uma etapa importante que chamamos de **método**.

A palavra método provém do grego *methodos*, e tem o significado de “caminho para chegar ao fim”. Refere-se, portanto ao conjunto de

regras básicas para desenvolver uma investigação com vistas a produzir novos conhecimentos ou corrigir e integrar conhecimentos existentes (GIL, 2019, p.9).

Método Científico é a maneira de “explicar um fenômeno”. É, segundo Freixo (2010), o fazer ciência que consiste em estudar um fenômeno o mais racional possível, procurando evidências para as ideias, afirmações, conclusões. A etapa “método” em um projeto de pesquisa (que muitas pessoas chamam de metodologia – inserido no Método Científico) refere-se ao modo de realizar uma determinada pesquisa, isto é, a etapa em que se apresenta o delineamento de pesquisa e os procedimentos de coleta e análise de dados.

Uma pesquisa pode ter **RELEVÂNCIA SOCIAL** e **CIENTÍFICA**. A relevância social é estudar uma temática cujos resultados e desdobramentos trazem diretamente uma contribuição social. A relevância científica aparece quando o estudo cumpre a meta de repor a lacuna de estudos anteriores, seja ratificando ou retificando os achados anteriores. O que define uma pesquisa é a sua relevância científica. O ideal seria aliar as duas; é importante ter relevância social, mas nem sempre ela é evidente ou aparece naquele primeiro estudo, e sim, nos posteriores a ele.

A realização de uma pesquisa passa por três grandes etapas:

- **FASE CONCEITUAL:** escolher e formular um problema, revisão da literatura, enunciar objetivo, formular hipóteses;
- **FASE METODOLÓGICA:** aspectos éticos, delineamento, definir população e amostra, identificação de variáveis, definir método de coleta e análise de dados. Os questionários e as entrevistas que iremos tratar mais detalhadamente encontram-se na fase metodológica.
- **FASE EMPÍRICA:** coleta de dados, apresentação, interpretação (análise) e relato.

E ao elaborar um PROJETO DE PESQUISA, deve-se levar em conta as etapas básicas, descritas no Quadro 1.

Quadro 1. Etapas básicas na elaboração de um Projeto de Pesquisa.

ITEM	TÍTULO	ESPECIFICAÇÃO
1	Introdução	Apresentar os conceitos centrais das variáveis estudadas e a revisão da literatura sobre o assunto, isto é, os estudos já realizados na área que justifiquem o problema de pesquisa.
2	Justificativa	Descrever porque o estudo é relevante; Que contribuição terá?
3	Objetivos	Pode-se desmembrar em Gerais e Específicos. Os objetivos devem vir da pergunta de pesquisa, do problema. Não deve ser algo exagerado e deve ser exequível. Os objetivos específicos são desdobramentos, combinações das variáveis estudadas. Usar verbos no infinitivo.
4.1	Método	Natureza do estudo: citar que tipo de estudo será realizado.
4.2		Participantes: quem serão os participantes/ ou documentos? Estimar quantidade - não precisa no número exato no projeto, mas uma estimativa. Pensar em critérios de inclusão e exclusão – quem fará parte ou não da amostra e por quê? Como serão recrutados?
4.3		Materiais/ instrumentos de coleta de dados: que materiais serão utilizados na coleta?(Questionários? Entrevistas? Formulários? Roteiro de Observação? Testes padronizados?) Já existem? Serão adaptados? Serão construídos? Deve-se realizar uma testagem dos mesmos em situação PILOTO antes da versão final. Um esboço inicial, em caso de elaboração, deve ser apresentado em Apêndice.
4.4		Procedimento de coleta: como os dados serão coletados? Onde serão aplicados tais instrumentos? Como será feita a abordagem para a aplicação? Outros detalhes do procedimento.
4.5		Procedimento de análise de dados: como serão analisados? Os dados serão gravados em áudio e/ou vídeo? Serão feitas transcrições? E quais métodos de análises estão previstos? Será análise qualitativa? Quantitativa? Quali-quantitativa? (mista)?
4.6		Procedimentos éticos: Quais procedimentos éticos foram pensados quando se trata de pesquisas com seres humanos? Providências junto ao Comitê e com os participantes. O projeto foi ou será enviado a um Comitê de ética? Redigiu-se Termo de Consentimento Livre e Esclarecido? Encontra-se como Apêndice no Projeto?

2

Típos de pesquisas

As modalidades de pesquisas são várias. Podemos trabalhar diretamente com documentos, podemos analisar conceitos, manipular variáveis em laboratórios (experimentais) e, como trabalhamos mais frequentemente, nas pesquisas em Educação, Psicologia e Ciências Sociais, podemos realizar pesquisas qualitativas de campo.

- **DOCUMENTAL:** análise de documentos, informações/ estado da arte, revisão sistemática da literatura, etc.;
- **CONCEITUAL:** análise de um conceito, um autor, obra clássica, época, etc.;
- **PESQUISA DE CAMPO:** estudo qualitativo-descritivo, exploratório ou quase-experimental, etc.;
- **PESQUISA DE LABORATÓRIO:** controle e manipulação de variáveis.

As pesquisas de campo podem ser agrupadas em exploratórias, descritivas e explicativas. No quadro a seguir vemos as características de cada uma delas.

Quadro 2. Tipos de pesquisas qualitativas segundo Gil (2019)

TIPOS DE PESQUISAS	FINALIDADE	PLANEJAMENTO	PROPORCIONA
Exploratórias	Desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para formular problemas de pesquisas mais precisos ou testar hipóteses em outros estudos.	Menor rigidez (entrevistas não padronizadas, levantamento bibliográfico e documental).	Uma visão geral de um tema pouco explorado.

Descritivas	Descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.	Utilizam técnicas padronizadas de coleta de dados.	Estudar as características de um grupo, levantamento de opiniões, atitudes e crenças, associações entre variáveis, etc.
Explicativas	Identificar os fatores que determinam ou que contribuem para ocorrência dos fenômenos.	Maior rigidez e complexidade; É comum no método experimental.	O detalhamento das variáveis estudadas e da relação causal entre elas.

Fonte: a autora baseada em Gil (2019, p.26, 27)

2.1 As Pesquisas Descritivas

- ✓ Identificam os principais fatores ou variáveis que existem em uma situação ou comportamento.
- ✓ São “estratégias de pesquisas para observar e descrever comportamentos incluindo a identificação de fatores que possam estar relacionados com um fenômeno em particular” (Freixo, 2010, p.106);
- ✓ Respondem as questões: “Quem, o quê, onde e quando ocorre algum fenômeno ou comportamento?”, “Que fatores ou eventos são associados?”;
- ✓ A finalidade é fornecer uma caracterização das variáveis envolvidas em um fenômeno ou acontecimento, sugere relações, mas não determina a natureza dessa relação.

Os métodos descritivos incluem vários procedimentos para obtenção de dados:

- **ENUMERAÇÃO:** contagem ou frequência que um acontecimento ou fenômeno ocorre (Ex: número de alunas mulheres no curso de pedagogia);
- **OBSERVAÇÃO:** determina significado, orientação e dinâmica de uma situação; é flexível, participativa.
- **ESTUDO DE CASO:** exploração intensiva de uma unidade de estudo (uma pessoa, família, grupo, comunidade);
- **ESTUDO DE CAMPO:** estudos longitudinais e transversais, correlacionais, etc.

2.2 Abordagem qualitativa e/ou quantitativa?

Há uma grande discussão em relação à abordagem da pesquisa que pode ser qualitativa e quantitativa, quando, na verdade, nos referimos mais a análise de dados e menos a natureza da pesquisa. Atualmente, é comum usarmos hoje o **enfoque integrado** (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

- ✓ Enfoque integrado “multimodal”: considera o enfoque quantitativo e qualitativo como complementares.
- ✓ Os dois enfoques realizam observação e avaliação de fenômenos, estabelecem pressupostos como consequência, testam e demonstram essas suposições, revisam tais ideias com testes e propõem novas avaliações e observações (a análise envolve os dois).
- **QUANTITATIVO:** coleta e análise que testa hipóteses prévias, confia na medição numérica e contagem e em geral, com uso frequente de técnicas estatísticas;
- **QUALITATIVO:** baseia-se em coleta sem medição numérica, prioriza descrições e observações.

Segundo Malheiros (2011, p.31),

Hoje, sabe-se que as pesquisas não precisam ser exclusivamente quantitativas ou qualitativas. Respeitados pesquisadores têm combinado o uso dessas duas abordagens no sentido de possibilitar uma maior compreensão do fenômeno estudado. Algumas pessoas

chamam essa abordagem combinada de quanti-qualitativa ou, simplesmente quanti-quali.

Outra forma de realizamos uma pesquisa de campo é olharmos o fenômeno de modo transversal ou longitudinal. Em alguns casos, estudar a influência de determinada ocorrência das populações ao longo de um tempo seria um bom modo de verificar de fato os efeitos ao longo do tempo, mas isso, para estudos de iniciação científica ou mestrado seria algo difícil de se operacionalizar.

► **LONGITUDINAIS (ESTUDAM DETERMINADA VARIÁVEL AO LONGO DO TEMPO):**

Os participantes (ou grupos) são acompanhados por um período de tempo, analisando-se a mesma variável.

► **TRANSVERSAIS (ESTUDAM A MESMA VARIÁVEL EM GRUPOS QUE ESTÃO EM MOMENTOS DIFERENTES):**

Os participantes (ou grupos) são diferentes. Estuda-se a mesma variável em participantes diferentes em diferentes momentos.

Por exemplo: estudar se opinião de alunos que cursam Psicologia sobre a adoção por casais gays se altera ao longo do Curso.

- **Estratégia longitudinal:** coleta de dados em toda uma turma de alunos no 1º semestre do 1º ano do curso, 2º semestre do 2º ano, 2º semestre do 3º ano, 2º semestre do 4º ano e 2º semestre do 5º e último ano do curso. Essa coleta traria dados mais fidedignos, mas demorariam cinco anos, pois acompanha a trajetória dos mesmos alunos nesse período de tempo e isso a tornaria inviável, em muitos casos.
- **Estratégia transversal:** coleta de dados no mesmo curso, em alunos diferentes, no 2º semestre do primeiro ano do curso, no 2º semestre do 3º ano e no 2º semestre do último ano do curso. São alunos diferentes em momentos diferentes do mesmo curso. Pode-se comparar a variável “opinião sobre adoção por casais gays”, em uma coleta de dados mais rápida.

3

Do tema ao método científico

3.1 Problema de pesquisa, objetivos e hipóteses

Antes mesmo de se fazer uma pesquisa, é comum que as pessoas já tenham uma noção de que “tema” queiram estudar. Daí, a ter um claro “problema de pesquisa” até um projeto de pesquisa definido vai um longo caminho... Vamos conversar sobre isso.

- ✓ **TEMA GERAL:** é uma ideia, uma proposta, uma intenção, um assunto....
- ✓ **PROBLEMA DE PESQUISA:** é um modo de dizer de maneira explícita, clara, compreensível e operacional o que pretendemos resolver. O objetivo da formulação do problema da pesquisa é torná-lo individualizado e específico. Na elaboração do problema é que se estabelecem as relações com outros estudos e se identifica a exequibilidade;
- ✓ **OBJETIVOS (SÃO AS QUESTÕES A SEREM RESPONDIDAS).**

PROBLEMA DE PESQUISA SÃO QUESTÕES. Um problema de pesquisa deve ser:

- ▶ Formulado como pergunta;
- ▶ Claro e preciso;
- ▶ Empírico (sem valores, julgamentos morais e considerações subjetivas);
- ▶ Suscetível de solução;
- ▶ Delimitado a uma dimensão viável.

Exemplos:

Tema: Adoção espontânea

Problema: Quem são as mães que deixam o filho recém-nascido para adoção no Hospital X?.

Objetivo: Levantar o perfil das mães com mais de 40 anos que entregam para adoção seus filhos recém-nascidos voluntariamente

Tema: A formação no curso de psicologia.

Problema: Por quais as razões as pessoas que se formaram no curso de Psicologia na década de 90 nunca atuaram como psicólogo/a?

Objetivo: Identificar os motivos, segundo os (as) psicólogos formados no Curso de Psicologia X na década de 1990, de nunca terem exercido a profissão.

Tema: Obesidade, Bullying e gênero.

Problema: Quem sofre mais Bullying nas escolas: crianças obesas meninas ou meninos?

Objetivo: Investigar e comparar índices de violência na escola (Bullying), ocorridos contra alunos obesos meninos e meninas.

São várias as maneiras de haver perguntas de pesquisas

► Nas PESQUISAS DESCRITIVAS

- ✓ **EXISTÊNCIA DO FENÔMENO:** Pode X existir;
- ✓ **DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO:** Se X ocorre, quais as características e componentes de X;
- ✓ **COMPOSIÇÃO:** Quais os componentes existentes em X;
- ✓ **RELACIONAIS:** Existe relação entre X e Z;
- ✓ **DESCRITIVA-COMPARATIVA:** É X diferente de Z.

✓ Nas PESQUISAS EXPERIMENTAIS

- ✓ **CAUSAIS:** Pode X causar ou impedir W;
- ✓ **CAUSAIS COMPARATIVAS:** X causa maior alteração em Z ou em W;
- ✓ **CAUSAIS COMPARATIVAS INTERACIONISTAS:** em que condições X causa maior alteração em Z ou W e em que condições não causa.

E o que eu penso que vou encontrar como resposta?

- ▶ HIPÓTESES são suposições. É uma solução provisória de um problema de pesquisa, formulada a partir da compreensão atual do problema baseada nos estudos semelhantes anteriores;
 - ▶ HIPÓTESES ESTATÍSTICAS:
 - ✓ H_0 (nula, não há diferença significativa entre duas variáveis) e
 - ✓ H_1 (pressupõe a diferença entre as variáveis)
- OBS.: NEM TODA PESQUISA PRECISA EXPLICITAR A HIPÓTESE, mas se ela existe deve ser clara.

3.2 Revisão teórica que justifique o problema de pesquisa

Depois de definirmos o problema de pesquisa e os objetivos da pesquisa, temos que saber argumentar, afinal: O problema de pesquisa é inovador? Que outros pesquisadores (as) já estudaram sobre o assunto? Por quê ele se justifica? Por isso, **o levantamento da literatura na área sobre o assunto é importante!**

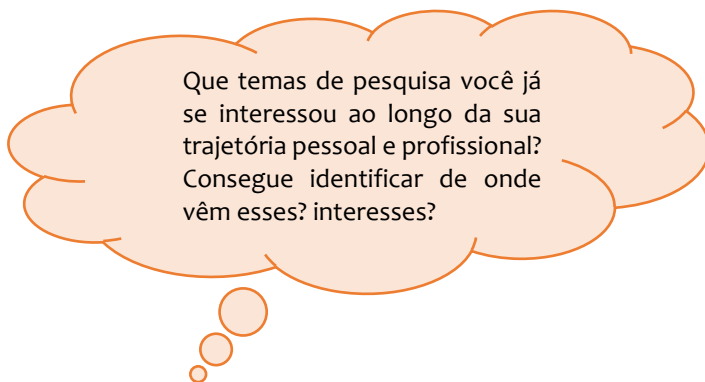
- ✓ Qual o conhecimento que já existe?
 - Reunir informações de estudos anteriores para demonstrar que o problema de pesquisa avança no conhecimento;
- ✓ Como foi produzido esse conhecimento?
 - Verificar a confiabilidade do conhecimento;
 - O que é preciso rever e refazer?

▶ Como sistematizar o conhecimento?

- Identificar adequadamente as fontes consultadas;
- Diversificar fontes: livros, artigos, teses/dissertações, etc.;
- Use de outras línguas que não só a nacional como consulta;
- Identificar as informações relevantes;
- Organizar as informações em função do problema;
- Posicione-se como pesquisador em um referencial teórico ou, mesmo que cite diferentes autores e conceitos, explique porque optou por fazer isso e defina em sua pesquisa, em qual deles usará como norte teórico-metodológico.

Uma dica que gostaria de compartilhar é anotar e guardar as leituras em fichas, seja em papel ou arquivo digital, de modo que ao ser necessário resgatar para outras etapas da pesquisa (na discussão dos dados, nos resultados, redação de artigos, etc.), essas possam ser localizadas facilmente. Abaixo, segue um modelo de registro dessas leituras.

Ficha de Leitura
Fonte: Livro () Capítulo () Artigo () magazine () Outros () : _____
Língua do material: Português () ; Inglês () ; Espanhol () ; Francês () ; Outra () : _____
Referência completa: Normas APA () ABNT () OUTRA () _____ xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
<u>Ideias Principais:</u> <u>Possível utilização na Dissertação/Tese:</u> () Introdução. Capítulo: _____ () Método () Discussão Citações na íntegra? () sim () não. Que página? _____



Como esses temas se traduziriam em problemas/questões de pesquisa?

- ✓ Pense em um tema de pesquisa e decorrente dele três problemas de pesquisas possíveis;
- ✓ Para cada um desses problemas de pesquisa, elabore um objetivo geral para pesquisar;
- ✓ Esses objetivos têm hipóteses? Que resultados você acha que encontraria? Será que são resultados óbvios? Será que a literatura já consolidou esses resultados? Seriam resultados que contribuiriam com a ciência?

ATENÇÃO! Essas são questões importantes a serem pensadas na elaboração de um projeto de pesquisa.

4 Planejando o método e a escolha dos instrumentos

Ao escrever o método, deve-se deixar claro a natureza do estudo, porque é a partir dele que o caminho metodológico deve seguir com coerência.

Após a Natureza do Estudo, a escolha dos participantes e os instrumentos de coleta dependem dos objetivos da pesquisa. Nem sempre para atingir os objetivos propostos, os participantes de pesquisa que temos acesso ou julgamos serem os melhores respondentes, serão de fato nossos melhores participantes. Ou, ainda, podem ser bons respondentes, mas suas respostas não serão garantidas pelos questionários ou pelas entrevistas e só o pesquisador que conhece essas características pode definir a melhor amostra possível ou o instrumento mais adequado para ela.

As fontes de informação nas pesquisas qualitativas podem ser obtidas diretamente pelo pesquisador, quando ele mesmo observa, filma, grava, participa de uma situação, grupo ou convive na comunidade, etc. Mas também pode obter fontes indiretas, por meio de testemunhos, documentos, produtos, obras, etc., produtos e relatos que “contam” a história, a opinião e as concepções sobre pessoas, grupos e comunidades.

Os testemunhos/relatos que vamos discutir aqui são obtidos por meio de questionários e/ou entrevistas.

✓ SÃO O QUE AS PESSOAS DIZEM QUE SENTEM, FAZEM, PENSAM... (NÃO EXATAMENTE O QUE SENTEM, FAZEM OU PENSAM). Isso não invalida nossa pesquisa, apenas é um fato que o pesquisador não deve ignorar.

Ao planejarmos o Método de uma pesquisa qualitativa-descritiva, deve-se definir:

PARTICIPANTES

✓ As características da população a ser estudada: o que define essa população? (são professores? Pais de crianças? Mães de pessoas com deficiências? Jovens? Alunos?) O que os caracterizam? Quais outras características? Gênero? Faixa etária? Enfermidade? etc.; Em um projeto podemos estimar a idade, gênero etc. No relato final, iremos apresentar as características que os definem (segundo seus relatos).

✓ Tipo de amostra: como a amostra foi selecionada? É amostra não-probabilística (intencional, sob objetivos específicos do pesquisador ou não intencional, sob conveniência) ou probabilística (todos os elementos da população têm uma probabilidade conhecida e superior a zero de fazer parte?). A amostra é o subconjunto da “população”. Ex.: a população pode ser 5 mil universitários de um campus da Unesp e uma amostra pode ser 100 alunos dessa população. Desses 100, se pegarmos uma parte temos uma “seleção de grupo de pessoas, eventos, comportamentos ou outros elementos de uma população a ser pesquisado”, o que Gil (2019, p.102) chama de “amostragem”. Nas pesquisas qualitativas, é comum usarmos a amostra por conveniência (selecionados por estarem mais disponíveis) e a técnica Snowball (“Bola de Neve”), em que os participantes indicam os próximos a participarem.

✓ Haverá critérios de seleção e exclusão? (há condições ou características desejáveis e imprescindíveis para fazer parte da amostra, como inclusão, ou algumas condições que os excluem do grupo? Quais e por quê?). Alguns critérios de inclusão serão necessários pois definem a variável estudada. Por exemplo, se desejo estudar as vantagens e desvantagens de vínculos amorosos e sexuais vivenciados por usuários de aplicativos de relacionamentos virtuais, o critério de inclusão deve ser pessoas que usam ou já usaram tais aplicativos, pois se eu entrevistar quem nunca fez uso, de nada adiantaria. Em algumas situações, critérios de exclusão, tais como, enfermidades associadas, problemas de fala, pessoas que já passaram por cursos de formação sobre o tema estudado, por exemplo, também podem ser consideradas para não entrarem na pesquisa. Mas em todos os casos, deve haver cuidados

éticos para não constranger o incluir e excluir na frente dos demais, especialmente quando forem crianças e adolescentes.

SITUAÇÃO

- ✓ Onde os participantes serão recrutados? Como excluir sem constranger?
- ✓ Garantir os mesmos benefícios ao Grupo Controle após terminar a pesquisa;
- ✓ Pensar em convites de participação sem constrangimentos, nem exposições quando há temas polêmicos envolvidos.
- ✓ Local para a coleta de dados: presencial e virtual. Não expor o participante.

ESCOLHA DO INSTRUMENTO

- ✓ Pode-se utilizar Questionário e/ou Entrevista (ou ambos os recursos);
- ✓ Tais materiais podem ser adaptados ou citados de outra fonte (às vezes é mais seguro e mais rápido);
- ✓ Escalas e formulários publicados podem ser usados, mas reconsiderar o uso quando for teste específico de psicólogo;
- ✓ Instrumentos podem ser construídos, mas devem ser cuidadosos, testados, com objetivos e nomeados, para garantir autoria.

Observação: Questionários são instrumentos de coleta de dados que são preenchidos pelos informantes e Formulário é o nome geralmente usado para designar uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador, numa situação “face-a-face” com o entrevistado (ficha de dados).

Os questionários e/ou entrevistas geralmente são classificados pelo tipo de questões:

- **ESTRUTURADO (A):** questões formalmente elaboradas, que seguem sequência padronizada;
- **SEMI-ESTRUTURADO (A):** roteiro de questões ou tópicos, flexibilidade na formulação, depende da dinâmica da entrevista;
- **LIVRE:** sem direcionamento ou interferência.

VANTAGENS E DESVANTAGENS	
Questionário	Entrevista
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Menor detalhamento das respostas que dependem da redação do participante; ✓ Questões não podem ser reformuladas; ✓ Depende da compreensão e interpretação do informante; ✓ Coleta é mais rápida; ✓ Facilidade de amostra maior; ✓ Menor inibição do Informante pelo anonimato. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Maior detalhamento das respostas; ✓ A obtenção dos dados pode ser mais abrangente; ✓ Coleta demora mais; ✓ Dificuldade de amostra maior; ✓ Interação verbal pode influenciar os dados.

Tanto um quanto outro exigem do pesquisador preparo e treino. Erros na elaboração e preparação podem tornar uma pesquisa equivocada e enviesada. Mas vamos pensar mais nisso no próximo ponto deste manual.

5

Questionários e entrevistas: elaboração e aplicação

5.1 Elaboração de questionários

Para elaborar o questionário é preciso saber bem as características da amostra respondente. Por exemplo, se forem pessoas pouco letradas, não pode ser um questionário muito elaborado. Se forem crianças, o questionário deve ser bem simples, com imagens e lugares bem acessíveis para as respostas.

Nenhuma questão do questionário deve ser em vão. Todas têm uma finalidade. Cada uma tem um propósito e se recomenda **agrupar as questões pelos objetivos pretendidos**. Por exemplo. O objetivo é reunir características da vida profissional. Então, as questões sobre ano de formação, área, profissão atual, motivação para o trabalho, etc., ficam todas perto.

Sempre que se faz uma pergunta, tenha claro para si mesmo “O que eu quero saber?”, “Por que estou perguntando isso?”, “O que isso tem a ver com o objetivo da minha pesquisa”? Para facilitar, uma dica é organizar as questões em “eixos” ou “blocos”. Veja o Quadro 3.

Quadro 3. Exemplo de elaboração de questionário sobre Educação sexual, sexualidade e prevenção na juventude para adolescentes.

BLOCO TEMÁTICO	Questões fechadas com justificativas
<p>EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA</p>	<p>Você recebeu esclarecimentos ou aulas sobre sexualidade na escola? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> em parte Justifique: Quando você quer se informar sobre sexualidade hoje que fontes você recorre?</p>
<p>RELACIONAMENTO SEXUAL E AMOROSO</p>	<p>Sobre relacionamentos amorosos e sexuais Já se apaixonou sem ser correspondido (a): <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Já se apaixonou e foi correspondido (a): <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Já teve ficantes: <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Se sim: <input type="checkbox"/> 1 vez <input type="checkbox"/> 2 ou mais vezes Já namorou: <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Se sim: <input type="checkbox"/> 1 vez <input type="checkbox"/> 2 ou mais vezes Já fez sexo: <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Se sim: <input type="checkbox"/> 1 vez <input type="checkbox"/> 2 ou mais vezes Comente:</p>
<p>SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA</p>	<p>Sobre a prevenção Se tem relações sexuais com que frequência usou preservativo <input type="checkbox"/> todas <input type="checkbox"/> as vezes <input type="checkbox"/> nunca</p> <p>Já contraiu alguma infecção sexualmente transmissível? [PODERIA EXPLICAR O QUE É NO QUESTIONÁRIO] <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Se sim: <input type="checkbox"/> 1 vez <input type="checkbox"/> 2 ou mais vezes</p> <p>Já fez consulta em ginecologista/urologista? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Se sim: <input type="checkbox"/> 1 vez <input type="checkbox"/> 2 ou mais vezes</p>

Observem que há vários **tipos** de questões:

- ▶ Levantamento de fatos: idade, educação, religião, estado civil, renda (geralmente caracteriza os participantes). Essas questões, geralmente são mais fáceis de serem respondidas.
- ▶ Levantamento de opiniões, sentimentos, crenças. Essas questões, exige mais do participante.
- ▶ Levantamento de comportamentos/attitudes, mesmo que projetivas;
- ▶ Levantamento de informações, conhecimento. Essas questões podem gerar desconforto, se o participante se sentir “avaliado”. Exemplo: O que é democracia? É diferente de perguntar: “Na sua opinião, o que você entende por “democracia”? Uma quer saber se o respondente sabe o conceito, a outra a opinião dele sobre. Mas para opinar, ele precisa saber do que se trata.

As questões podem ser:

- ▶ **ABERTAS:** Qual é sua cor preferida?
- ▶ **FECHADAS:** Qual é sua cor preferida?
() azul () rosa () branco
- ▶ **SEMI-ABERTAS:** Qual a sua cor preferida: azul, branco, rosa ou alguma outra cor?
- ▶ **POR ESCALAS.** As escalas de Likert (FREIXO, 2010), avaliam, por exemplo:
Quantidade: () muito pouco () pouco () médio () muito () bastante
Frequência: () nunca () raramente () às vezes () muitas vezes () sempre
Avaliação: () muito mau () mau () razoável () bom () muito bom
Probabilidade: () impossível () pouco provável () provável () muito provável () certo
Atitudes: () discordo totalmente () discordo () indeciso () concordo () concordo totalmente.

Depois de pensar nas questões, deve-se organizar o questionário no papel. A **linguagem** deve ser clara, sem siglas e palavras ambíguas, ou se forem usadas, devem vir acompanhadas de explicações. Evite expressões técnicas na área do pesquisador ou

coloquiais demais que podem ser incompreensíveis ou ofensivas ao participante.

A **instrução de preenchimento** deve ser bem clara para não dar dúvida ao respondente, principalmente se ele for responder longe do pesquisador. Por exemplo, pode assinalar mais de uma resposta ou outras instruções gerais. Também é recomendável dizer ao participante que não se trata de uma prova, uma avaliação, mas sim um levantamento de opinião ou algo que não dê mais ansiedade ao responder, como já comentei acima.

Na mesma direção, a **sequência dos temas** também é importante; sugere-se começar com algo mais comum do cotidiano do participante, como os seus dados pessoais, ou algo sobre o trabalho dele, para depois fazer perguntas de opinião, ou que exigem conhecimento, evitando que ele desista de preencher o questionário logo no início.

A **atratividade e a aparência** de um questionário são importantes para garantir a motivação do respondente. Um questionário extremamente extenso corre o risco de ser abandonado ao meio pelo participante. Diminuir a fonte em demasia para reduzir a sua extensão é, ao mesmo tempo, tão indelicado quanto cansativo, pois se torna algo de difícil leitura e preenchimento. Regra básica: bom senso. Perguntar o necessário formulando um questionário em um espaço adequado que exija um tempo possível de ser respondido com atenção e dedicação pelos participantes.

Em caso de coleta com um número grande de participantes e uso de análise quantitativa, consulte o estatístico para garantir que as questões estão bem elaboradas e que as variáveis estudadas estão apresentadas de modo que os cálculos possam ser realizados depois.

Dicas para a elaboração de questões do questionário

✓ Dependendo do dado a ser obtido, facilite a resposta dando intervalos de respostas. Isso pode ser feito com renda familiar, número de anos de formação, escolarização, etc. Alternativas com as respostas facilitam a obtenção desses dados.

Por exemplo, ao invés de perguntar: “Qual a sua idade”?

Pergunte: “Assinale a sua idade no intervalo abaixo”:

- () menos que 31 anos de idade
- () entre 31 e 40 anos de idade
- () entre 41 e 50 anos de idade
- () entre 51 e 60 anos de idade
- () mais de 61 anos de idade

✓ No enunciado não use expressões radicais que podem restringir a resposta, por exemplo, **“sempre”**, **“nunca”**. Ex.: *“Você sempre faz o planejamento da sua aula?”*;

✓ Não faça questões muito gerais e imprecisas porque cada participante pode entender de uma forma diferente. Ex.: *“Você tem um bom relacionamento com a sua família?”* [Que família? De origem? Meus pais e irmãos? Meu parceiro, cônjuge, filhos? Minha avó ou com quem moro atualmente? Como não está claro, cada um pode responder pensando em uma família diferente];

✓ Não deixe que o enunciado tenha dicas das opiniões pessoais e teóricas do pesquisador que possam induzir a resposta do participante. Ex.: *“Você acredita que em 2018 o governo Bolsonaro destruiu a política nacional de educação básica, assim como ele fez com a política de saúde?”*;

✓ Tenha cuidado para não fazer duas perguntas na mesma questão, porque o participante pode responder apenas uma delas e o pesquisador ficar sem a resposta de uma ou das duas. Separe sempre as questões. Ex.: *“1. Você gosta de ler histórias para dormir?” “2. Quem lê histórias para você?”*;

✓ Não use negativas na afirmação porque confunde o participante. Principalmente se no mesmo questionário tiver outras questões ora afirmativas e ora negativas. Ex.: *“Você não gosta de filmes de terror?”*;

✓ Quando fizer perguntas cujas respostas for “sim” ou “não”, deixe também a alternativa “em parte” e um espaço para “justifique” ou “comente”, para que haja espaço em que o não e o sim possam ser explicados;

✓ Quando se trata de perguntas de opinião sobre satisfação, talvez seja mais fácil perguntar em escalas 3 ou 5 pontos, ao invés de “sim” ou “não”. Por exemplo: “Você está satisfeito com a política de inclusão educacional brasileira?”

- muito insatisfeito
- insatisfeito
- nem satisfeito, nem insatisfeito - indiferente
- satisfeito
- muito satisfeito

✓ Quando fizer respostas fechadas de alternativas, garanta que as respostas sejam equilibradas: favoráveis, desfavoráveis e neutras. Ou, ainda, que não tenha apenas as respostas que o pesquisador deseja que o participante assinale. Além disso, deixe sempre a possibilidade de haver outra resposta que não tenha sido prevista, em uma alternativa “**outra**”. Exemplo:

“Você considera a homossexualidade”:

- uma expressão da diversidade humana
- uma expressão da aberração humana
- outro: _____

✓ Em algumas ocasiões, é recomendável incluir nas respostas “não sei”, especialmente quando se trata de algo que exija conhecimento do participante na questão. Assim, a resposta dele, de fato, pode ser “não sei”. Outra alternativa para o pesquisador é colocar no questionário a definição do conceito que será apresentado no enunciado. Depois, em seguida, se faz a pergunta, pois aí se garante que o participante tem conhecimento (definição) e pode opinar e responder a questão.

5.2 Estudo Piloto

O procedimento piloto é uma das etapas mais importantes na elaboração de um questionário. Quando você considerar que o questionário está pronto, responda você mesmo. Veja se as questões estão compreensíveis, o tempo que demora a responder, etc. Depois parta ao piloto, isto é, procure algum participante similar ao participante pretendido (ex.: se os participantes forem professores, escolha um professor também), para responder ao questionário. Ele saberá que está, além de participando da pesquisa, também testando o instrumento e, após o preenchimento, converse

com ele sobre como foi o responder: se faltaram questões, se compreendeu ou não, o que pode ser melhorado, alterado, etc. Veja nas dúvidas de preenchimento ou erros de interpretação, que questões devem ser alteradas e/ou substituídas, etc.

O número de pilotos a serem feito depende do número de alterações que serão exigidas. Duas questões contam: primeiro, se forem poucas as mudanças a serem feitas e segundo, o acesso aos participantes finais da amostra. Se nossos participantes são de difícil acesso, não teremos “similares” para realizar pilotos e, tampouco podemos utilizar os próprios participantes como pilotos, para não diminuir a amostra.

5.3 Aplicação de questionários

Os questionários podem ser aplicados de diferentes formas

DIRETAMENTE

O pesquisador ou equipe treinada diante do participante, individualmente, ou dos participantes coletivamente, aplicam o questionário em um mesmo dia, horário e local. A instrução geral pode ser lida em voz alta.

- ✓ **Vantagem:** muitas variáveis são iguais, pesquisador pode explicar equívocos de interpretação para todos (se houver), recolhe ao mesmo tempo;
- ✓ **Desvantagem:** participantes podem responder sob coerção da instituição, há diálogo e cópia das respostas.

INDIRETAMENTE

O pesquisador não faz a aplicação presencialmente, realizando a coleta pelo correio, pela internet ou por terceiros.

- ✓ **Vantagem:** aplicação mais fácil, mais barata, mais ágil;
- ✓ **Desvantagem:** menor índice de retorno, não se sabe quem responde de fato, pode haver cópia de respostas.

Qualquer que seja a forma de aplicação do questionário, deve ser previsto no método previamente os passos da aplicação, inclusive o tempo de espera, índice de retorno, etc. Ex.: Se foi enviado por link pela internet, pode-se prever no procedimento que irá enviar, aguardar duas semanas o retorno, lembrar, aguardar mais duas semanas e encerrar. Mas deve haver um planejamento para início e término da coleta, pois caso contrário, essa se prolonga demais.

5.4 Elaboração de entrevistas

Da mesma forma que o questionário, para elaborar a entrevista é preciso saber bem as características de quem vai participar dela. Por exemplo, se forem pessoas pouco letradas, não podem ser questões muito elaboradas.

Da mesma forma que comentamos no item 5.1, para pensar nas questões da entrevista, no caso de um roteiro de questões, tenha claro “por que motivo está perguntando isso” e “o que isso tem a ver com o objetivo da sua pesquisa”? Veja outro quadro:

Quadro 4. Distribuição de questões por blocos temáticos em um roteiro de entrevista fictício

BLOCO TEMÁTICO	Roteiro de questões
EDUCAÇÃO SEXUAL	<ul style="list-style-type: none"> • Você teve aulas na escola sobre educação sexual? Se sim, conte como foi? Se não, o que você pensa sobre isso?
RELACIONAMENTO SEXUAL E AMOROSO	<ul style="list-style-type: none"> • Você já ficou, namorou? Como foi ou foram essas experiências? • Você já fez sexo? Como foi ou foram essas experiências?
SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA	<ul style="list-style-type: none"> • Você já contraiu alguma infecção sexualmente transmissível? Qual? Quando? • Se você faz sexo, com que frequência faz uso do preservativo? • Já foi ao ginecologista/urologista? Com que frequência? Comente?

Basicamente todas as recomendações da elaboração do questionário, seguem na entrevista. Ressalta-se que nesse caso, o treino da entrevista serve também para o pesquisador. Deve-se, na situação piloto, transcrever a entrevista, perceber que questões poderiam ser mais exploradas, quando e onde o pesquisador poderia ter feito intervenções de modo a obter mais informações do participante - sem induzir as respostas - ou outros aperfeiçoamentos necessários na interação da entrevista.

Flick (2009) descreve vários tipos de entrevistas e sua estruturação:

- Focalizada: oferece um estímulo e questões estruturadas;
- Semi-padronizadas: questões direcionadas para a hipótese;
- Centrada no problema: guia de entrevista como base para resolução;
- Etnográfica: questões estruturais

Dicas para a elaboração de questões da entrevista

- ✓ Evite perguntar coisas óbvias e que o pesquisador já tenha informações. Exemplo: dados de prontuários ou de outros instrumentos de coleta aplicados anteriormente como idade, gênero, iniciais do nome, endereço, etc.
- ✓ Não use expressões difíceis, técnicas demais ou coloquiais e vulgares que podem ser ofensivas;
- ✓ Inicie a entrevista com perguntas tranquilas de responder, sobre fatos e informações: dê segurança ao entrevistado;
- ✓ Não faça perguntas com entonações que mostrem desagrado ou satisfação. Qualquer mínima expressão facial ou de voz pode induzir o participante a responder sobre a questão querendo “agradar” o pesquisador;
- ✓ Não faça perguntas que tenha respostas implícitas. Se perguntar algo, complete com as duas formas de respostas. Exemplo: “O trabalho aqui na sua escola é cansativo ou não é cansativo?”;
- ✓ Siga o roteiro, mas seja flexível, pois o participante pode responder as perguntas finais antes delas chegarem. Respeite, escute e se preciso, explore mais, quando nelas chegar;

- ✓ Se for mudar de assunto, pode preparar o participante. “Agora vamos tratar de outro assunto, vamos falar de...”;
- ✓ Se o entrevistado não entender a pergunta, não responder adequadamente, o pesquisador pode explorar, sem induzir nenhuma resposta. Segundo Gil (2019), para estimular o participante a falar mais solicitando descrições pode-se dizer “Poderia me falar a respeito de...”, para obter opiniões, poderia dizer “Na sua opinião...?”, “O que você acha de...?”. Para solicitar confirmação, “Você quer dizer que...?”, para aprofundar o assunto, “Poderia me dar um exemplo de...?” ou “Poderia me dizer mais sobre...?”. Para verificar possíveis contradições, dizer “Mas, antes você não disse que...?” e para buscar comparações, “Qual a relação disto com...?”.

5.5 Aplicação da entrevista

A entrevista é uma interação social, com troca de diálogo e objetivos definidos. Recomenda-se que a entrevista seja realizada pelo próprio pesquisador, pois é um momento muito rico da coleta de dados. Em alguns casos, pode ser aplicado por pesquisadores da equipe.

As entrevistas podem ser aplicadas individualmente ou coletivamente, o que chamamos de **grupo focal**. Os Grupos focais consideram o contexto do grupo, utilizam um guia de entrevista para direcionar a discussão. Ultimamente o uso da internet tem sido uma ferramenta de coleta usada para grupos focais (chats, bate papos e salas virtuais, por exemplo), e até mesmo para entrevistas, embora ainda seja algo polêmico (FLICK, 2009).

As entrevistas são modalidades diferentes e ricas na obtenção dos relatos das pessoas sobre determinado tema ou fenômeno.

O **local** de realização dessas entrevistas exige privacidade e silêncio, para garantir que o (s) participante (s) se sinta (m) confortável (eis) e seguro (s) para expor (em) suas ideias sem se sentir (em) julgado (s) e pressionado (s) a tal, especialmente quando forem assuntos mais reservados e íntimos. Não deixar o celular ligado, não fumar durante a entrevista ou nada que interfira, atrapalhe ou demonstre desinteresse da parte do pesquisador.

De qualquer forma, o pesquisador deve estar atento aos seguintes passos na aplicação:

- ▶ **Esclarecer** ao participante previamente o tema e objetivos gerais, sem comprometer os dados e a duração média da entrevista, sem mentir que será rápido demais, nem omitir se ela prevê uma duração demorada;
- ▶ **Agendar** com antecedência o local e horário, para evitar imprevistos;
- ▶ **Garantir** minimamente as condições adequadas de silêncio e de privacidade;
- ▶ **Rapport** antes da entrevista;
- ▶ **Manter a neutralidade** durante a entrevista, não demonstrar surpresa, espanto, agrado ou desagrado; demonstrar interesse sem opinar ou induzir; apresentar tom de voz amigável;
- ▶ **Considerar** discussões irrelevantes, fuga das respostas, silêncio, falta de compreensão, intercorrências como choro e riso.
- ▶ **Registrar** na íntegra, respostas completas (codificadas ou texto literal), quando não houver possibilidade de gravar;
- ▶ **Gravar** em áudio e/ou vídeo, com permissão;
- ▶ **Preparar e testar** equipamentos de registro ANTES da entrevista (bateria, funcionalidade, qualidade de canetas, etc).

6

Erros, equívocos e cuidados éticos

Uma fase da pesquisa que se faz correndo pode colocar em risco toda sua realização. Um problema de pesquisa formulado inadequadamente, objetivos incoerentes com o método, instrumentos inadequados, questões ruins, vieses do pesquisador, etc. Pior ainda é quando o pesquisador já tem uma hipótese antes de começar a pesquisa, faz uma revisão da literatura lendo somente autores que compartilham de suas convicções pessoais, seleciona apenas as respostas que “comprovam” aquilo que ele queria ouvir, e sai satisfeito dizendo que sua pesquisa “deu certo”!

Uma pesquisa não dá certo, nem errado! Ela chega a resultados que podem ser os que o pesquisador esperava – ou não. Ela tem limites metodológicos, alguns que esbarramos no caminhar, e é preciso que sejamos éticos de assumir isso, aponta-los para novos estudos.

Por isso, mesmo com o tempo apertado de uma iniciação científica, mestrado e doutorado, não pule as etapas de amadurecer um problema de pesquisa, de elaborar o problema de pesquisa, de fazer um estudo piloto antes da coleta de dados. Não importa o nível de uma pesquisa, **a seriedade, os cuidados teóricos e metodológicos** devem ser sempre os mesmos.

No caso da aplicação de questionários e entrevistas que é o foco deste nosso manual, destacamos alguns erros que podem interferir nas respostas e, depois, nos dados finais da pesquisa, que devemos evitar que ocorram:

- ✓ O local pode constranger o respondente. Exemplo: o professor vai participar de uma entrevista ou um questionário na sala da diretora da escola com medo dela entrar na sala a qualquer momento;

- ✓ O respondente não sabe ler direito ou não enxerga o questionário e não consegue preencher. Ele pode ter vergonha de dizer, ficar um tempo com o questionário e devolver em branco;
- ✓ Quem vai aplicar deve ser alguém neutro. A figura do aplicador, por exemplo, o pesquisador, a universidade ou o cargo que ele ocupa tem Influência da interação com os participantes. Ser da universidade tal, ser médico pode inibir ou influenciar as respostas. Da mesma forma, uma pessoa que vai aplicar, ela mesma cria expectativas que induzem respostas, por exemplo em uma pesquisa sobre preconceito racial e a pessoa que vai aplicar é uma mulher negra. Isso pode mudar a forma como as pessoas respondem ao questionário. Não podemos evitar todas as influências, mas tentar diminuí-las ou estar atento a elas.
- ✓ Em algumas situações a coleta de dados ocorre em instituições, e o chefe ou a direção “obriga” todos a participarem. Deve-se excluir esse participante, sem constrangê-lo, nem expor que ele não participou para não o prejudicar. Ele tem o direito de não participar da pesquisa.
- ✓ Em algumas situações, no dia da coleta, o participante está doente ou recebeu uma notícia ruim. Sugere-se cancelar a entrevista, pois o mesmo não estará atento, nem motivado e o dado será perdido. Mesmo que ele insista, seja respeitoso, marque outro dia, ou cancele e desista. Da mesma forma, se algum assunto no decorrer da entrevista lhe trouxer lembranças ruins e constrangedoras (morte de um filho, situações ruins financeiras, etc.), não insista na entrevista. Pergunte se ele quer parar, ofereça-lhe um copo de água, esqueça a pesquisa e não insista em continuar. Lembre-se sempre que o participante é um ser humano que está lhe fazendo a gentileza de participar.

Não pretendo prolongar a questão sobre ética em pesquisa neste Manual, pois atualmente, já são bem conhecidos os procedimentos necessários para enviar projetos de pesquisa que envolvem a participação de seres humanos para submissão ao Comitê de ética no SISTEMA CEP/CONEP por meio da Plataforma Brasil.

A **Plataforma Brasil** é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela CONEP. A **documentação solicitada está na Resolução N° 466/2012 e Norma Operacional CNS/MS n° 001/2013 e deve ser cadastrada na Plataforma Brasil no site:**

<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>

Mas, é importante, ressaltar os cuidados que devemos ter para não violar alguns princípios éticos importantes sobre o respeito ao participante, que só mais recentemente na história da ciência tem colaborado como **voluntário e plenamente informado de suas condições como sujeito de pesquisa.**

► **Não Violar o direito de individualidade:**

- Coagir pessoas a participarem;
- Invadir a privacidade;
- Observação e registro indevido.

► **Não Enganar, persuadir, menosprezar:**

- Enganar: omitir ou mentir;
- Envolver pessoas sem o consentimento ou conhecimento;
- Esconder o objetivo e natureza da pesquisa.

► **Não Causar danos:**

- Induzir a comportamentos conflituosos com valores morais;
- Expor a estresse físico e ou mental;
- Expor a constrangimentos morais (relação de poder e dominação);
- Não respeitar participantes na coleta de dados: não atrasar, não cumprir combinado;
- Negar benefícios ao Grupo Controle.

IMPORTANTE:

- ✓ Acordos e consentimentos devem ser feitos por escrito - em caso de menores e incapazes, o responsável legal assina também;
- ✓ Explicitar de modo geral as condições da pesquisa: objetivos, procedimentos de coleta, contribuição para a área acadêmica e social;
- ✓ Compromisso de 'devolver' aos participantes os resultados de sua participação ou de todo o estudo;
- ✓ Utilizar os dados sem interpretações errôneas e publicações indevidas;
- ✓ Garantir em todas as hipóteses o sigilo da identificação do participante;
- ✓ Não usar dados de pesquisa de outrem sem a devida citação de autoria.

7

Análise de Conteúdo temático

Nas pesquisas qualitativas, é comum as pessoas exporem os dados, isto é, os relatos, o que se observou, as respostas dos participantes e fazer alguns comentários, mas isso **NÃO É ANÁLISE DE DADOS!** Isso é compartilhar com as pessoas o que se teve acesso. Analisar dados é uma das fases dos resultados que demanda formação e experiência do pesquisador.

As fontes de informações, como já dissemos, trazem relatos, imagens, documentos, etc., que são organizadas para serem analisadas e interpretadas. Os resultados devem passar por três momentos:

- **DESCRIÇÃO:** apresenta os relatos de modo fiel - apenas apresenta a transcrição dos relatos em tabelas ou quadros;
- **ANÁLISE:** agrupa os relatos buscando relações entre as partes - organiza e categoriza os relatos por meio de uma técnica (por exemplo, análise de conteúdo);
- **INTERPRETAÇÃO:** buscar o sentido dos relatos; evidencia a sua compreensão - relaciona tais categorias com a literatura para responder o problema de pesquisa.

7.1 Transcrição

Após a aplicação de um questionário ou a realização de uma entrevista, os dados devem ser transcritos. Do registro (gravação, filmagem) é preciso transpor a interação verbal em texto para análise. Isso pode ser feito pelo pesquisador ou alguém treinado, mas recomenda-se que o próprio entrevistador o faça.

✓ Transcrição (na íntegra, literal) é diferente de tradução. Deve-se transcrever toda a interação verbal, até mesmo os erros de fala, vícios de linguagem, etc. Não omita nenhuma passagem;

✓ Excluir nomes: usar letras ou escrever do que se trata. Ex.: (NOME DA ESCOLA);

✓ Usar legendas para sinais e modos de registrar comportamentos não verbais ou pouco precisos.

Exemplo:

- PES (pesquisador); PAR (participante)
- (...): pausa no relato;
- (silêncio): pausa prolongada, sem fala posterior;
- Frase entre aspas: expressões coloquiais; Exemplo: “viche maria”
- Frase em itálico: fala da entrevistada sobre outra pessoa. Ex: A Minha amiga gritou: *Ai! Meu Deus!*
- Uso de letras maiúsculas: entonação de voz, grito. Exemplo: NOSSA!
- (incompreensível): não foi possível compreender a gravação.

A transcrição é muito importante, pois é ela que se torna “o documento” que iremos analisar. O “dado” de análise.

7.2 O que é Análise de Conteúdo de Laurence Bardin?

Laurence Bardin é uma psicóloga que aplicou técnicas de análise de conteúdo em pesquisas psicossociológicas e de comunicação de massas na década de setenta em Paris.

Essas técnicas eram usadas em geral nos EUA para avaliar pesquisas de mercado consumidor ou propagandas políticas no período de guerra. Naquela época, a análise de conteúdo tinha a finalidade de descrever objetivamente, sistematicamente e quantitativamente o conteúdo manifesto da comunicação, mas os interesses eram menos a pesquisa científica e mais os econômicos e políticos (BARDIN, 2011). Ou seja, desde aquela época e até hoje, já haviam outras formas de codificar e analisar relatos e mensagens,

que são válidas, mas neste Manual, vamos tratar apenas da proposta de Bardin.

O ponto de partida da análise de conteúdo é a **mensagem**. A mensagem pode ser oral (entrevistas, músicas), escrita (cartas, textos, jornais, anúncios), icônico (sinais, imagens, fotografias, filmes) da qual se obtém significado e sentido.

A **análise de conteúdo** é um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e organizar o conteúdo das mensagens, permitindo a inferência de conhecimentos relativos às condições de sua produção/recepção.

As regras para a “quebra” da comunicação (relato) e a elaboração das categorias na análise de conteúdo são:

Homogêneas: poder-se-ia dizer que “não se mistura alhos com bugalhos”; exaustivas: esgotam a totalidade do “texto”; exclusivas: um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes; objetivas: codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais; adequadas ou pertinentes: isto é, adaptadas ao conteúdo e ao objetivo (BARDIN, 2011, p.42).

A análise de conteúdo pode ser de discursos, lexical e sintática, etc. em que se analisam o próprio vocabulário utilizado, por exemplo, porém o mais comum é a **análise de conteúdo temática**, que vamos exemplificar neste manual.

► A **ANÁLISE TEMÁTICA** buscar agrupar os relatos em tema (s) seguindo à teoria que sustenta o fenômeno estudado.

O tema é identificado por palavras, frases, orações; são as “unidades de significado”. Ao ler uma frase, o “assunto”, o “tema” é aquilo que qualifica a fala do informante. É “daquilo” que ele diz que “marca” o significado da fala e, portanto, é o que nos interessa como resposta.

Por exemplo, vamos imaginar que em uma pesquisa cujo objetivo é “saber que cor o participante mais gosta de usar na

vestimenta e por quê”, o entrevistador tenha feito uma pergunta aberta para uma garota adolescente:

Entrevistador: *Diga-me, por favor, que cor você prefere usar quando escolhe suas roupas e por quê?*

Resposta: *“Eu gosto de todas as cores, das mais variadas possíveis, depende do meu humor, sabe? Quando estou alegre e feliz eu uso rosa, tipo pink, bem chocante, para aparecer mesmo! Ou amarelo ouro, com brilho. Quando tô deprê, já coloco preto, cinza, roxo, bem escuro. Menos marrom, que é cor de velha, eu acho. Daí, nem deprê, né? Risos”*

Lendo a resposta acima, esta sublinhado o que mais chamou a atenção em relação ao tema estudado. Podemos pensar em dois agrupamentos temáticos:

- (1) **Categoria:** não há uma cor preferida
- (2) **Categoria:** a escolha da cor relacionada ao humor

Comentários: Não há uma cor preferida e a escolha depende de seu estado de humor, sendo cores claras quando está alegre e escuras quando está triste.

Na análise de conteúdo pode haver:

- ✓ **Análise quantitativa** (frequência das unidades) e/ou
- ✓ **Análise qualitativa** (o que representa essas unidades).

Se houver um número grande de participantes, podemos quantificar as categorias encontradas e também fazer cálculos estatísticos com elas.

7.3 Como fazer?

A análise de conteúdo, segundo L. Bardin deve seguir os seguintes passos:

Quadro 5. Resumo da técnica da análise de conteúdo de L Bardin.

PASSOS PARA FAZER ANÁLISE DE CONTEUDO	
TRANSCRIÇÃO LITERAL DO RELATO	Só assim os relatos se tornam um documento a ser analisado. Mais importante que as “perguntas”, são AS RESPOSTAS, OS RELATOS.
LEITURA FLUTUANTE	Ler todo o relato várias vezes para ter noção do todo
CATEGORIZAÇÃO: agrupamentos temáticos	Ler o material e ir apontando ao lado quais os temas emergentes (que aparecem). Depois ir sinalizando o que aparece em comum até chegar no que considera que pode ser uma categoria.
A ANÁLISE DEVE SER EXAUSTIVA	Todo o material deve ser considerado. O “tema” pode aparecer independentemente da questão ou ordem em que ela foi feita. O importante é a resposta. Entretanto, não precisa todo o relato ser analisado, se existirem partes que não tenham a ver com os objetivos da pesquisa. Por exemplo, um participante ficou falando sobre outro assunto (isso não precisa ser analisado, nem categorizado).
MUTUAMENTE EXCLUSIVA	O mesmo trecho de relato não pode estar em duas categorias, pois são mutuamente exclusivas. Se está em uma categoria, não pode estar em outra e vice-versa. Se couber em duas, é melhor criar uma terceira categoria para esse relato.
CONCRETAS	As categorias devem partir de uma descrição, de relatos que existiram e não de uma abstração, algo que o pesquisador pense que “ele quis dizer”, “ele deve ter pensado isso”. Só considere o que de fato foi dito.
ADEQUADAS	As categorias devem ser adequadas no sentido de serem coerentes com o conteúdo do agrupamento. Quando se cria uma categoria, é importante que o pesquisador a descreva, pois fica mais fácil para ele e para o leitor entender o que justifica que aquele trecho do relato ou documento está naquela categoria e não em outra, isto é, se é adequada ou não.

As Categorias podem ser definidas *à priori* ou emergirem da fala, do discurso, do conteúdo das respostas. O pesquisador pode estabelecer as categorias antes (quero procurar na entrevista tais e tais categorias) ou elas são emergentes, embora, quando se faz um roteiro de entrevista ou questionário, os blocos de questões acabam por direcionar as respostas e, muitas vezes, também as categorias que encontramos.

Para tentar ser mais didática, criei um exemplo de pesquisa fictícia feito com crianças para mostrar passo a passo, a construção de categorias, a partir das respostas.

► **Objetivo:** investigar a função da escola para crianças brasileiras de classe social e econômica baixa.

► **Método:** Participantes: 15 alunos de escola pública que frequentam a 2ª série do ensino fundamental (7 a 10 anos), sendo 8 meninas e 7 meninos

Entrevista – Roteiro de questões abertas

- 1) Por que você acha que as escolas existem?
- 2) Por que você acha que vem para a escola?
- 3) Você gosta de vir à escola? Por que?

PASSO 1. PRÉ ANÁLISE - DESCRIÇÃO DE RELATOS NA ÍNTEGRA

Depois de realizar as 15 entrevistas com as crianças, a fase seguinte de pré-análise é juntar as respostas por questão. Assim, deixaremos de manusear uma a uma transcrição, para trabalhar com os quadros abaixo, tendo cada resposta na íntegra, com melhor visualização.

No caso de entrevistas longas, o exercício de pensar as categorias é feito uma a uma, lendo exaustivamente, fazendo anotações gerais e depois ir agrupando pouco a pouco. Faz-se isso na primeira, na segunda, na 3ª... e observa-se se as categorias encontradas estão sendo similares. Da 4ª entrevista em diante, procura-se manter as categorias ou criar outras, cujos relatos novos forem aparecendo.

Mas, voltando ao nosso exemplo das entrevistas com as crianças, observem os quadros com as respostas na íntegra:

Por que você acha que as escolas existem?

Alunos	Respostas
1	Pra ter onde professor trabalhar e ensinar
2	Pra minha mãe deixar eu e meus irmãos
3	Não sei
4	Para ensinar as pessoas
5	Para ter prédio bonito na cidade
6	Não sei
7	Por que alguém quis fazer escolas
8	Não sei
9	Pros professores dar aula pra gente
10	Pra gente ter onde ficar pra aprender
11	Pra enfeitar quando é natal
12	Pra eu ir nas festas juninas
13	pra gente não ter férias
14	Sei lá
15	Hum... não sei

Por que você acha que você vem para a escola?

Alunos	Respostas
1	aprender muitas coisas
2	comer o lanche
3	brincar no recreio
4	pra ser alguém na vida um dia e não roubar que nem meu irmão
5	Para ser advogado
6	Pra não apanhar em casa
7	Pra eu não ficar cuidando dos meus irmãos em casa
8	Pra ficar com as minhas amigas
9	Pra poder trabalhar em algum lugar que precisa saber ler
10	Para aprender
11	Pra brincar e pintar

12	Pra tirar carta de motorista um dia
13	Porque a minha mãe manda
14	Pra come
15	Pra não apanhar em casa

Você gosta de vir a escola? Por que?

Alunos	Respostas
1	Mais ou menos, porque as vezes é chato
2	Sim, porque aqui a gente come
3	Gosto, porque brinco
4	As vezes gosto, as vezes não. Por que sim
5	Não, porque não sei
6	Não muito, as vezes
7	Até que gosto, mas cansa estudar
8	Não sei, acho que gosto um pouco
9	Gosto, porque sou bom aluno
10	Gosto, porque sim
11	Gosto, porque brinco
12	Não sei se gosto, pode ser
13	Não gosto, mas venho obrigado
14	Sim, porque sim
15	Não sei, porque não sei

PASSO 2. COMEÇANDO A PRÉ ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DOS RELATOS

Depois de ler e reler, tendo claro os paradigmas teóricos da sua pesquisa e seus objetivos, comece a pensar nas categorias. Escreva ao lado o sentido daquela resposta e faça uma marca nela (um número, um sinal, ou pinte de alguma cor). Faça isso com todas que levem a um sentido semelhante. Eu fiz isso, separando por tons em assuntos que considere comuns, como podem ver nas perguntas e quadros abaixo.

Por que você acha que as escolas existem?

Alunos	Respostas
1	Pra ter onde professor trabalhar e ensinar (3)
2	Pra minha mãe deixar eu e meus irmãos(2)
3	Não sei (1)
4	Para ensinar as pessoas (3)
5	Para ter prédio bonito na cidade (2)
6	Não sei (1)
7	Por que alguém quis fazer escolas (2)
8	Não sei (1)
9	Pros professores dar aula pra gente (3)
10	Pra gente ter onde ficar pra aprender (3)
11	Pra enfeitar quando é natal (2)
12	Pra eu ir nas festas juninas (2)
13	pra gente não ter férias (2)
14	Sei lá (1)
15	Hum... não sei (1)

(1) Não sabem porque – declaradamente

(2) Outras funções – prédio (arquitetura, uso pessoal)

(3) Relacionam a existência da escola à função de ENSINAR e APRENDER

Tabela 1. Explicações dos alunos para as escolas existirem

CATEGORIAS	EXEMPLOS RESPOSTAS
FUNÇÃO PESSOAL	“Para minha mãe deixar eu e meus irmãos” (P2) “Pra gente não ter férias” (P13) “Pra eu ir nas festas juninas” (P12)
FUNÇÃO ARQUITETÔNICA	“Pra ter prédio bonito na cidade” (P5) “Pra enfeitar quando é natal”
NÃO SABEM	“Não sei” (P3) (P6) (P8) (P15) “Sei lá” (P15)
RELACIONAM A ESCOLA À FUNÇÃO DE ENSINAR E APRENDER	“Pra ter onde professor trabalhar e ensinar” (P1) “Para ensinar as pessoas” (P4)

	“Pros professores dar aula pra gente” (P9) “Pra gente ter onde ficar para aprender” (P10)
Outro	“Porque alguém quis fazer escolas” (P15)

Por que você acha que você vem para a escola?

Alunos	Respostas
1	aprender muitas coisas (1)
2	comer o lanche (2)
3	brincar no recreio(3)
4	pra ser alguém na vida um dia e não roubar que nem meu irmão (1)
5	Para ser advogado (1)
6	Pra não apanhar em casa (4)
7	Pra eu não ficar cuidando dos meus irmãos em casa (4)
8	Pra ficar com as minhas amigas (3)
9	Pra poder trabalhar em algum lugar que precisa saber ler (1)
10	Para aprender (1)
11	Pra brincar e pintar (3)
12	Pra tirar carta de motorista um dia (1)
13	Porque a minha mãe manda (4)
14	Pra come (2)
15	Pra não apanhar em casa (4)

(1) Aprender em geral e projeção de futuro;

(2) Para se alimentar;

(3) Para se divertir;

(4) Para evitar castigo e/ou por obrigação: apanhar da mãe, cuidar irmãos.

Tabela 2. Explicações dos alunos sobre as razões para eles (as) virem para a escola

CATEGORIAS	EXEMPLOS RESPOSTAS
APRENDER EM GERAL E PROJEÇÃO DO FUTURO	Para aprender muitas coisas (P1) pra ser alguém na vida um dia e não roubar que nem meu irmão (P4) Pra ser advogado (P5) Pra poder trabalhar em algum lugar que precisa saber ler (P9) Pra aprender (P10) Pra tirar carta de motorista um dia (P12)
PARA EVITAR CASTIGO E/OU POR OBRIGAÇÃO	Pra eu não apanhar em casa (P6) Pra eu não ficar cuidando dos meus irmãos em casa (P7) Porque a minha mãe manda (P13) Pra não apanhar em casa (P15)
PARA SE DIVERTIR	Brincar no recreio (P3) Pra ficar com as minhas amigas (P8) Pra brincar e pintar (P11)
PARA SE ALIMENTAR	Comer o lanche (P2) Pra “come” (P14)

Você gosta de vir à escola? Por quê?

Alunos	Respostas
1	Mais ou menos, porque as vezes é chato (2)
2	Sim, porque aqui a gente come (1)
3	Gosto, porque brinco (1)
4	As vezes gosto, as vezes não. Por que sim. (2)
5	Não, porque não sei (3)
6	Não muito, as vezes (2)
7	Até que gosto, mas cansa estudar (2)
8	Não sei, acho que gosto um pouco (2)
9	Gosto, porque sou bom aluno (1)
10	Gosto, porque sim (1)
11	Gosto, porque brinco (1)
12	Não sei se gosto, pode ser (2)
13	Não gosto, mas venho obrigado (3)

14	Sim, porque sim (1)
15	Não sei, porque não sei. (2)

(1) Gosta

(2) Indeciso

(3) Não gosta

Pode ser que outro pesquisador não concorde comigo. Por isso eu devo justificar descrevendo a caracterização da minha categoria. Dai posso analisar a categoria. Posso quantificar, se desejar (quantos participantes estavam na categoria tal). Comentar com a literatura, discutir, etc. Após a organização das categorias, entra a discussão teórica, o referencial teórico que vai explicar e dar luz e visibilidade ao leitor da análise de dados. Essa é a riqueza da análise de conteúdo. Os mesmos dados (entrevista transcrita) pode ser utilizada por mais de um pesquisador com diferentes análises e pontos de vistas diferentes.

Claro que o exercício acima é bem facilitado. As respostas são curtas e é bem mais fácil de visualizar o todo e organizar do que uma entrevista longa transcrita. Mas tudo é uma questão de treino. E também podemos contar com juízes (pessoas da academia, dos grupos de pesquisa que fazemos parte), orientadores, etc. para validar nossas categorias.

Para encerrar, gostaria de mostrar um trecho de uma análise de entrevista que é um pouco mais complicada que as respostas em questionários, porque são mais extensas, porque há falas demasiadas que não serão utilizadas na análise. Para não me alongar, vamos pensar em entrevistas de três participantes **com deficiência adquirida respondendo sobre suportes e vínculos sociais** (dados extraídos do meu livro *Inclusão e Sexualidade na voz de Pessoas com Deficiência física*, Curitiba: Editora Juruá, 2011).

A transcrição abaixo está na íntegra, são trechos. O que está em negrito é o que se destaca, de significado para o que se procura investigar: suportes afetivos e sociais.

Mudou, mudou, parei de sair...eu já era insegura de sair, eu sempre queria sair com turma (...) eu tinha medo mesmo de sair. Quando eu parei de andar é... **eu só saía se minha prima fosse comigo. Minha prima é quem cuidou de mim** porque minha mãe trabalhava, a minha

avó era enfermeira, mas já é de idade e tal. Ela é que cuidava de mim. Que eu morria de medo de sair e de acontecer alguma coisa, nem que seja do meu intestino soltar e eu só saia com ela. **Meus amigos é..se assustaram no começo.** Se assustaram...começaram a.. a lugares que... *“ah! não vamos chamar a [NOME DELA] porque ela não vai se sentir bem”.* Nem sabendo que eu ia numa boa, entendeu? Essa minha prima ela é lésbica e ela tem os amigos também. Eles, eu falo para você, eles foram a minha base, sabe? Saia comigo... Ah! Vários falavam... *“de muleta não, cadeira de rodas”,* sabe? Até que... quer brigar comigo é falar mal de... gays, né, que eles foram a minha base mesmo. (...) **Daqueles meus amigos de antes são poucos os de hoje, cada um foi prum canto e..eu sempre era a pessoa que ligava todo mundo, mas aí teve uma hora que cansei tentar,** tentar, tentar e tentar e não via retorno. Só eu, sabe? Tem hora que cansa, tem hora que cê quer ser procurada também, né? Ai...vai pra faculdade (...) conhece bastante gente e daí você cria amigos, mesmo vindo de outras salas, você tem amigos. (...) **a maioria dos meus amigos não são deficientes...** eu acho que quem tá perto de você são os verdadeiros amigos e eu falo par eles *“qualquer momento pode acontecer alguma coisa diferente e eu vou precisar de ajuda”,* entendeu.? e não tenho vergonha, com meus amigos, não tenho vergonha, sabe? Todos sabem que eu uso fralda, até é comum falar, *“eu uso fralda”...* (...) É...então, mas graças a Deus eu sempre tive bom tato com amigos, entendeu. Colega? Tudo bem, passa...mas amigo sempre bons, então eles sempre foram a minha base, entendeu? Sempre coloco que eles me ajudam pra caramba, esse [NOME] me ajuda pra caramba e tal. às vezes eu preciso de um favor ele acaba fazendo... meus pais não, meu irmão não (BEIJA-FLOR).

Comentários: o suporte de Beija Flor foi primeiramente a prima, depois os amigos que ela fez ao frequentar a faculdade. A família é mais distante.

Outro fator da deficiência na família (...) **é a superproteção, a gente é super protegido pela família, a maioria das pessoas chegam a infantilizar a gente achar que a gente não é capaz de fazer certas coisas no ambiente de casa.** (...) Olha, pela minha vó, pelo meus tios irmãos eles até não ligam muito [DE EU SAIR], mas meu vô e minha mãe, não gostam se preocupam muito, acham que é perigoso... (...) e tem outro porem também, a família não tem paciência de...passar essas informações pra gente, então a gente tem muito contato com profissionais, que são aliados as mesmas pessoas, mas o pessoal da

família, a gente sabe que eles não têm paciência de passar informação pra gente (...)

a limitação que eu tenho muito por causa da deficiência é que eu tenho muito poucos amigos...porque eu tenho muito pouco acesso a relacionamento com as pessoas por causa da perda auditiva. Muitas pessoas é...porque minha audição não é perda total, então as vezes as pessoas não acham que sou deficiente auditivo e querem cumprimentar, falar de longe e a gente não escuta, ai a pessoa acha que a gente não ta dando atenção, não ta dando bola, então a gente perde muita amizade por causa disso; que são um dos grandes fatores, porque a audição não é um sentido que a gente recebe mais informação, então a gente que não tem a gente perde muita informação. (...)

Eu não saio muito, porque não tenho amigos, eu saio muito em [CAPITAL] porque lá eu faço parte de duas associações nacionais surdocegueira e cada dois meses eu vou pra la fazer parte das reuniões da associação e a gente intercala as reuniões com passeios.(....) ai vai os surdos cegos e os interpretes, porque cada surdo cego tem uma forma especifica de comunicação (...) já participamos de pesqueiro, hopi hari, pedaladas ciclistas, nos fomos na praia o ano passado,Basílica São Mariano na Aparecida do Norte. Cada vez que temos congresso, também fazemos (...) passeios... é muito bom, muito bom. Por morar aqui no interior, não tenho uma intérprete disponível pra mim, em São Paulo é mais fácil. Participo de muitas atividades, sempre participo de eventos, palestras, participei também de muita atividade da igreja, sou da igreja Adventista do 7º Dia, a gente tem muito congresso, evento acampamento (...) **Meus amigos mais próximos são da associação e da igreja (...)** (CANÁRIO).

Comentários: a família de Canário aparece como superprotetora. A deficiência auditiva, segundo ele, dificulta as relações de amizade que ele consegue estabelecer somente nas associações surdo-cegueira e na igreja que frequenta.

Meu pai já é falecido, meu pai morreu eu tinha 16 anos e... **meus irmãos, assim, primeiro achei que bem, assim, me deram todo apoio,** foi muito difícil pra eles porque na verdade, eu sou de [CIDADE 1], você já ouviu falar? Minha mãe mora la, eu moro em [CIDADE2] na minha tia pra poder viajar pra cá. E daí, como eu tinha que fazer tratamento na [UNIVERSIDADE], fisioterapia, tinha que ir de ambulância, não podia **ir sentada daí eu fui morar em [CIDADE 3]. Então a vida deles virou do avesso, tipo minha irmã teve que mudar de escola, meu irmão**

ficou morando sozinho em casa, e trabalhar, então foi...mas assim, eles se deram super bem. (...)

O único amigo que se afastou de mim foi o que tava comigo no acidente. Eu tava sem o cinto e ele, que tava dirigindo, tava com cinto. Na verdade é...ele se machucou sim, mas não muito, nada sério e...ele foi se afastando mas mais por culpa porque eu morava em [CIDADE 1], uma cidade muito pequena, então você conhece todo junto e todo mundo julgava muito ele, sabe? Coitado, então ele num...acho que foi muito duro pra ele, assim, então ele acabou se afastando. (...) foi uma fatalidade (...) Eu não culpo ele, nunca culpei (...) Hoje em dia são outros amigos, porque muitos mudaram de cidade, você perde um pouco o contato, mas assim, as minhas melhores amigas, ainda são as mesmas daquela época e...os que eu tenho pouco contato, quando você é normal, e eles me levam pra tudo que é canto, e...tenho novos amigos que me tratam com naturalidade, é normal...é o que me dá mais força, assim, quando as pessoas ficam do seu lado. (SABIÁ).

Comentários: a família de Sabiá se reorganizou após o acidente para suprir as necessidades da nova vida dela. O amigo que se afastou foi quem causou o acidente que lhe causou a paraplegia. O suporte emocional são as amizades que ela fez após a condição de ter uma deficiência e lhe tratar “normalmente”.

Possíveis categorias que agrupam os relatos comuns:

Quadro 6. Categorias e sub categorias da análise de conteúdo.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Suporte Familiar	Superproteção
	Apoio
	Ausente
Suporte afetivo de vínculos de amizade	Apoio- sobretudo de amigos feitos após a deficiência
	Ausente- devido a deficiência

No quadro acima, poderia também inserir exemplos de relatos dos participantes em cada linha das subcategorias, lembrando que são “mutuamente exclusivas”, ou seja, o trecho que aparece em uma categoria, não pode aparecer em outra. Além disso, não é “o” participante que está distribuído nas categorias e sim, os relatos.

Chegamos ao final deste Manual com muitas outras coisas ainda por falar! Entretanto, espero que tenham sido úteis as dicas oferecidas para quem vai elaborar, aplicar e analisar questionários e entrevistas nas pesquisas qualitativas-descritivas.

Bom trabalho!

Referências para aprofundar mais sobre o assunto

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**- um manual prático. 2ª ed. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A.S. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOTOME, S. P. Processos Comportamentais Básicos em Metodologia de Pesquisa: da delimitação do problema à coleta de dados. **Revista Chronos** , v. 30, n. 1, p.43-69, 1997.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diário Oficial da União, nº 12, 13 jun 2013, p. 59. Seção 2. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>.

Acesso em 29 Fev 2020.

CAMPOS, L.F.L. **Métodos e Técnicas e Pesquisa em Psicologia**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

COZBY, P. C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento**. Tradução Paula Gomide, Emma Otta. São Paulo: Atlas, 2003.

DINIZ, D.; GUILHEM, D.; SCHUKLENK, U. (Org.). **Ética na Pesquisa: experiência de treinamento em países sul-africanos**. Brasília. Letras Livres, Editora UNB, 2005.

DUARTE, R. Entrevistas em Pesquisas Qualitativas. **Revista Educar**, n. 24. (p.213-225). Curitiba: UFPR, 2004.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Série Pesquisa. 2a edição. Brasília: Liber Livro, 2005.

FLICK, U. **Métodos de Pesquisa**- Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3ª ed. (Trad. Joice Elias Costa). Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIXO, M. J. V. **Metodologia Científica**- fundamentos, métodos e técnicas. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUERRA, I. C. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo**- sentidos e formas de uso. 4ª ed. Cascais, 2012.

HILL, M. M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. 2ª ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2016.

SELLTIZ, W.; COOK; KIDDLER, L.H. (org.). **Métodos de pesquisa nas relações sociais: análise de resultados**. (Trad. Maria Martha Hübner D'Oliveira & Mirian Marinotti Del Rey). São Paulo: EPU, v. 3, 1987.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. (Série Trilhas). São Paulo: EDUC, 2000.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC editora, 2011.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquezine; M. C.; Almeida, M.A.; Omote, S. (Ogs.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. 1ª ed. Londrina, 2003, vol 1, pp.11-25.

MINAYO, M.C. (Org.) DESLANDES, S.F; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F. LUCIO, P.B. **Metodologia de Pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

Sobre a Autora

Ana Cláudia Bortolozzi. Psicóloga. Doutora em Educação. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Docente Associada no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Coordenadora do Grupo de Estudos em Sexualidade, Educação e Cultura - GPESEC e do Laboratório de Ensino em Sexualidade Humana LASEX. Atua na Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (UNESP, Bauru) e Pós-Graduação em Psicologia Escolar (UNESP, Araraquara).

E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br



LASEX

Laboratório de Ensino e Pesquisa
em Sexualidade Humana
FC - Departamento de Psicologia
UNESP - Bauru



GPESEC

Grupo de Estudos e Pesquisa em
Sexualidade, Educação e Cultura

Este manual é um material de informação e consulta para alunos (as) da graduação, pós-graduação e interessados (as) em pesquisas, sobretudo de natureza qualitativa, que pretendem trabalhar com instrumentos de coleta de dados como os questionários e as entrevistas. Amplamente utilizados no dia a dia, os questionários e as entrevistas parecem simples de serem elaborados, aplicados e analisados, mas no caso da pesquisa científica, equívocos nessas etapas podem comprometer toda a pesquisa realizada. As dicas oferecidas neste Manual decorrem da experiência da autora como docente e pesquisadora há anos na universidade e na pós-graduação. Uma leitura fácil, didática e rápida que pode nortear o trabalho de pesquisadores em todos os níveis.



ISBN. 978-65-86101-06-5



9 786586 101195